

Brasília e seus discursos

27 MAI 1995

MARCELO MONTIEL

JORNAL DE BRASÍLIA

Outro dia, alguém afirmava: "Brasília deu certo!". Bom, isso é relativo. Quais são os limites espaciais da cidade? Seria Brasília o Plano-Piloto ou BSB é tudo o que um gigantesca ameiba pode incorporar enquanto cidades e vazios valiosíssimos no território do DF.

Quem mora no Recanto das Emas é brasileiro? Se existe o Plano-Piloto de Brasília, será que também existe Santa Maria de Brasília? E a Região Administrativa I — Brasília, é mais Brasília do que a RA XII — Samambaia? Tudo indica que a Brasília tombada (Plano Piloto) parece não considerar o que está de pé ao seu redor.

A segregação espacial em Brasília é radical, ou você está "in" Brasília (Plano-Piloto), ou você está "out". Creio que hoje, Brasília (a grande) está mais para uma ameiba submetropolizada, pelo excesso de terra e baixa densidade. Ou será que está mais para uma metrópole condominial. Da mesma forma que não está claro onde começa e termina a cidade, as opiniões sobre a cidade também são muito nebulosas.

A toda hora, comenta-se que Brasília, imaginada por ter 500 mil habitantes, já conta com uma população 3 vezes maior. É um equívoco, na medida em que, a Brasília inicialmente pensada, tem menos de 400 mil habitantes.

É comum o comentário: Brasília seria uma cidade democrático-socialista, mas não deu certo por culpa dos governos passados. Esse enfoque libertário sobre BSB, tem início com o relatório do Plano Piloto de Lúcio Costa, e prossegue com falas subjetivas e uníssonas.

Porém, tudo indica que esse discurso típico, de BSB, muitas vezes se distancia do senso comum e adquire uma feição ideológica onde suas idéias

e pressupostos, quase que instituídos, estão fora da realidade. Assumir essa dicotomia entre cidade e discurso resulta na aclamação da cidade-projeto, e hoje real através da cidade-discurso. São inúmeros os exemplos: Arquitetura democrática é aquela cujas formas e contrastes estimulam emocionalmente o homem do povo; um pilotis amplo e aberto dá uma sensação de espaço; liberta o homem; ou ainda em outro comentário de conotação socialista: Um prédio sobre pilotis libera o nível térreo para uso comunitário, não privativo.

Outro comentário muito comum, revela a preferência metaleira da cidade: os automóveis. Será que a cidade verde, "ecológica" só faz sentido através da janela do automóvel? Que contra-senso!

Não obstante, independente dessa arenga brasileiro, a cidade está ordenada para o exercício do poder centralizado, apesar dos que propõem a transferência da capital, na medida em que consideram BSB incompatível com o poder! Não me refiro aqui à "esperteza" carioca, mas àqueles plus-puristas que não admitem que uma cidade "tão pura" hospede o poder.

Outro aspecto que tem dificultado a reflexão sobre a cidade nesse contexto de referências desarmonizadas é a suscetibilidade dos candangos e da elite pioneira avessa a exposições objetivas e racionais.

E a visão artística da cidade pode enfocar melhor essa questão? Será que a suntuosidade urbana e arquitetônica de BSB (PP) e suas relações formais e teóricas com as artes, podem esclarecer e dar sentido sócio-cultural à cidade, ou mais uma vez estaríamos mitificando o real e dando essas estéticas a outro discurso. Sabemos que esse lado artístico

ao sinalizar BSB como fruto da ousada "filosofia desenvolvimentista" de Kubitschek, e da conhecida e criativa intelectualidade daqueles tempos, eleva o pedestal da intocabilidade. Não é à toa que Brasília (ou melhor, a gema de Brasília) é Patrimônio Cultural da Humanidade.

Mas para outros, na melhor das hipóteses, a ousadia e a criatividade em Brasília são do poder, do capitalismo estatal que transfere a capital e constrói impunemente sobre a exploração e às vezes morte do candango.

Em todo o caso, é interessante notar a patente fragmentação do espaço brasileiro no Plano-Piloto e sua relação com o fragmentado-simbólico das artes deste século e, mais especificamente, com o neoconcretismo. Será que podemos dizer que a especialidade em BSB é neoconcreta, artística?

Além de toda essa discussão, e ainda mais importante, é considerarmos que a cidade, como local de encontro, deve garantir um sistema espacial orgânico de convívio. Nesse aspecto, Brasília (o próprio Plano Piloto) é tremendamente desarticulada. O exemplo do meio ambiente, com suas áreas de relevante interesse ecológico, serve para a zona urbana, onde devem existir áreas de relevante interesse sócio-cultural.

Neste ano significativo em que um Governo alinhado com as expectativas sociais mais justas, inicia sua gestão, é fundamental repensar a cidade com vistas à elaboração, não apenas de um novo pdot, mas de novo PDOT. Tudo indica que Brasília, (Plano-Piloto) deu certo, mas a verdadeira utopia urbana ainda está para ser realizada.

■ Marcelo Montiel é arquiteto